O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA CULTURA POPULAR E OFICINA DE PERCUSSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID.

Joel Oliveira de AraÚjo [1], Thais Karine Madeiro de Queiroz [2], Roberto Kennedy Gomes Franco [3]

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência vivida em duas oficinas, intituladas "Batuque, canto e cultura popular", realizadas com estudantes do ensino médio da Escola Camilo Brasiliense, do município de Redenção- CE, como parte das atividades do do subprojeto do PIBID História da UNILAB. Essas oficinas ocorreram em dois momentos, o primeiro, em 21 de novembro de 2018, durante agenda da consciência negra e o segundo momento ocorreu no dia 30 de Maio de 2019, em parceria com o programa de Residência Pedagógica, com enfoque temático e metodológico na cultura africana e afro-brasileira. As atividades apresentam através da música e de algumas manifestações populares o conhecimento e a vivência sobre a história do Brasil, especificamente, das populações negras e indígenas. Como resultado, as oficinas proporcionaram a facilitação para discussões sobre, raça, religião, trabalho, cultura.

Palavras-chave:

Cultura Popular. Afro-brasileira. Indígena. PIBID - História.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: joeloliveiraarauj@gmail.com
[2] UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, e-mail: thais18queiroz@gmail.com
[3] UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: robertokennedy@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

O ensino de História através da cultura popular e da oficina de percussão tem acontecido nas atividades do subprojeto interdisciplinar Pibid História/Sociologia, como o objetivo de promover o conhecimento da cultura afro-brasileira e indígena aos jovens dos municípios do maciço de Baturité. Aqui, é apresentado o resultado de duas atividades realizadas na escola Camilo Brasiliense da rede pública, no município de Redenção.

A cultura popular é uma ferramenta de transmissão do saber cultural e histórico de um povo, em que a prática do ensino e da aprendizagem é parte importante para a perpetuação dos saberes dos grupos sociais. Importante entender que é "possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos" (CANCLINI 2011, p. 220,221), sendo assim, a cultura popular por sua complexidade e suas diversas especificidades, pode ser uma ferramenta de potencialidade para o ensino formal.

Através dos estudos da cultura popular e da vivência em grupos culturais, é possível perceber como é existente uma troca significativa de saberes entre os brincantes. As brincadeiras de manifestações culturais como a Dança do Coco, Bumba meu Boi, ou Reisados, têm a figura do mestre que carrega um vasto conhecimento cultural e histórico. Nas brincadeiras populares o mestre tem o papel de transmitir o conhecimento aos brincantes intuitivamente através de estratégias, como o tocar e o cantar e dançar como ferramentas para a perpetuação do conhecimento histórico histórico e cultural.

METODOLOGIA

O relato é sobre duas experiências com abordagem metodológica semelhante, intitulada "Batuque, canto e cultura popular". Ambas com duas horas de aula, ministradas nas turmas de 1° ao 3° ano do ensino médio, pelos autores, foram divididas em etapas, Etapa 1) Discutir e conversar sobre aspectos que os instrumentos, as letras e o canto remetem a história e cultura afro-brasileira e indígena. Etapa 2) Momento para que alunas e alunos escolhessem um instrumento de sua afinidade ou interesse. Etapa 3) Explanação teórica e histórica sobre três manifestações (percussão e canto): o coco, o maracatu e o samba. Etapa 4) Explicar e ensinar o canto, coro e batidas dos instrumentos, depois, discutimos sobre as impressões e sua relação com a história. Tendo assim o ensino vivencial dos toques do instrumento.

A metodologia das oficinas realizadas foi pensada para ter o caráter tanto teórico como prático-vivencial por acreditar que é possível constituir um ensino diferenciado, crítico e libertário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura popular é delimitada pelo povo e pelas especificidades que dizem respeito a essas camadas populares, que através de seus cantos, danças, estórias, contos e vivências do dia a dia fazem perpetuar um conjunto de saberes e de conhecimentos tradicionais que atravessa gerações gerações e gerações resguardando a memória e a história de valores, costumes, rituais, com características específicas para cada região. Segundo CHAUÍ (1994, p. 25), a cultura popular é definida,

[...] como um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência.

Partindo desse ponto, entende-se que o ensino da cultura popular é um recurso didático importante para a

compreensão de nossas raízes negras e indígenas, na história do Brasil. O ensino de História nas escolas de ensino fundamental e médio ainda se faz distante da realidade vivida pelos jovens do campo e da cidade, o que acaba por tornar as aulas chatas e monótonas, não conseguindo prender a atenção dos estudantes aos conteúdos. O modelo hegemônico de ensino nas escolas ainda é, na sua maioria, opressor, baseado no ensino de longa exposição teórica, cheio de cobranças para atingir metas que torna o processo mecanizado, não por culpa dos professores, gestão ou alunos, mas pelas regras impostas pelo estado.

As atividades do programa PIBID, de iniciação à docência, visa promover rupturas como o modelo de ensino historicamente estabelecido para a matéria de história. Nessa experiência, se conhece a realidade da escola e da sala de aula, assim como os esforços que são feitos por parte do colegiado para que os estudantes tenham uma aprendizagem significativa.

A escola em que o subprojeto PIBID História está inserido, localiza-se no distrito Antônio Diogo, no município de Redenção, chamada de Camilo Brasiliense. A mesma já tem 60 anos de existência. A escola é pequena, tem poucos alunos, no total de 7 turmas. No caso duas turmas do primeiro ano (manhã/tarde), duas turmas do segundo ano (manhã/tarde), duas turmas do terceiro ano (manhã/tarde) e por fim uma turma do EJA (noite). Com uma média de 30 alunos por sala, a escola recebe jovens adolescentes de baixa renda onde boa parte são oriundos de comunidades rurais, a escola assim, enfrenta dificuldades financeiras e estruturais, algo que é comum a muitas escolas públicas, com pouco recurso a escola realiza maneiras de driblar as dificuldades. É uma escola aberta a Universidade e aos projetos que possam possibilidade o reforço do ensino aos alunos.

O papel, enquanto estudantes e também futuros professores de história, é de aproximar cada vez mais desses jovens e incentivá-los a um pensamento histórico crítico. Assim como afirma Pereira e Seffner (2008),

Pretendemos desse modo, ensinar aos estudantes a especificidade da narrativa histórica em relação a outras narrativas do passado, como o cinema, a televisão, a literatura, a música, a matéria jornalística, dentre outras. Ou seja, queremos que o estudante se torne alguém capaz de reconhecer na História o estatuto de uma ciência, com seus limites e suas possibilidades. (PEREIRA E SEFFNER, 2008, p. 127).

Através de oficinas sobre Batuque, Canto e Cultura Popular, é possível adentrar em temáticas que seriam mais difíceis em sala e promover discussões sobre, raça, religião, trabalho, cultura entre outras.

CONCLUSÕES

Percebe-se que, assim como a cultura popular através do ensino oral, com seus cantos, danças e batuques, as manifestações culturais perpetuam a aprendizagem de mestre para brincantes, como de brincantes para mestre, ensinamentos que vão desde a história de um povo, seu trabalho, cultura, tradição e ancestralidade. É possível assim utilizar desses mecanismos culturais para a perpetuação do ensino de história, relacionando assim, com a história dos povos afro-brasileiros e indígenas, com o ensino da história do Brasil, as dinâmicas dos povos e relações sociais e raciais que se desenvolveram durante o tempo.

O ensino de história pode se utilizar de outras formas de fontes, não se prendendo apenas em registros escritos, mas sim, também de fontes orais, musicais e vivas, proporcionando ao aluno outra compreensão do fazer história, mostrando assim, a complexidade da construção do conhecimento histórico. Dinamizando a aprendizagem dos alunos, qualificando a participação e reflexão sobre o papel da história.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem que a Escola Camilo Brasiliense abrir as portas para o desenvolvimento das atividades e oficinas. Agradecimento especial a supervisora e amiga Sandra Sales, professora de história que sempre procura e desenvolve um ensino libertador. Aos coordenadores de área e orientadores Roberto Kennedy e José Josberto que impulsiona o subprojeto PIBID História e por fim, a Professora Luma Andrade que desempenha um trabalho grandioso junto ao PIBID Unilab.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GARCÍA CANCLINI, Néstor, C. A encenação do Popular. In ____ **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2011. P. 205 – 254.

PEREIRA, Nilton Mullet e SEFFNER Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.